

Análise Psicológica (2002), 4 (XX): 541-553

Valores morais em Televisão: Análise de uma série televisiva de grande audiência (*)

CRISTINA SILVA (**)

ESTELA FONSECA (**)

ORLANDO LOURENÇO (**)

«Vivemos num mundo onde os media são omnipresentes: um número crescente de pessoas dedica muito tempo a ver televisão, a ler jornais e revistas, a ouvir discos e rádio. Nalguns países, por exemplo, as crianças passam mais tempo a ver televisão do que em actividades na escola» (Simpósio da UNESCO, 1982).

Dado que a qualidade da programação televisiva e o seu impacto no desenvolvimento das crianças e dos jovens é, em toda a parte, um tema

controverso (Abrantes, 1995), importa que a psicologia, nomeadamente a psicologia do desenvolvimento e, mais ainda, a psicologia do desenvolvimento sócio-moral, tomem este tema como um tema importante de pesquisa empírica e reflexão teórica.

Este artigo, exploratório na sua natureza, insere-se nesta linha de preocupações. O seu objectivo central é mostrar que, tomadas algumas cautelas, é possível analisar programas televisivos que envolvem conteúdos morais, à luz da teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg (1981, 1984), nomeadamente em função dos seus estádios de raciocínio moral, estádios que referiremos mais à frente. Neste estudo, esta possibilidade é ilustrada através da análise de um programa televisivo de grande audiência, em especial entre crianças e jovens, em função dessa mesma teoria. O programa em causa é a série *Super Pai*. A ideia é sugerir que as questões controversas em torno da ética e da televisão podem ser mais fa-

(*) Este artigo foi escrito no âmbito do Mestrado (e Laboratório) em Desenvolvimento Humano (coordenação de Orlando Lourenço), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1649-013 Lisboa. Contou com o apoio financeiro do Centro de Psicologia Experimental e Clínica: Desenvolvimento, Cognição e Personalidade.

Os autores agradecem a colaboração e o apoio de Cleonice Camino (Universidade Federal de Paraíba), Ângela Biaggio (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Monteiro Coelho (TVI), Susana Pinheiro (TVI), Clara Teixeira (TVI) e Oriana Silva (Fealmar).

Correspondência relativa a este artigo deve ser endereçada a qualquer um dos autores (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Alameda da Universidade, 1949-013, Lisboa).

(**) Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

cilmente respondidas ou, pelo menos, equacionadas, quando se tomam também em conta os conhecimentos já disponíveis na área da psicologia do desenvolvimento moral (ver Lourenço, 2002a).

O artigo está dividido em três partes. Na primeira parte, fazemos uma pequena referência ao aparecimento e evolução da TV no nosso país, ao mesmo tempo que tecemos algumas considerações a respeito da questão controvertida das relações entre ética e televisão. Na segunda, fazemos uma alusão breve a alguns estudos sobre os efeitos da televisão em áreas importantes do desenvolvimento humano, como são o desenvolvimento cognitivo, o social (pró-social e antissocial) e o moral. Na terceira parte, apresentamos os dados de um estudo empírico, muito preliminar e exploratório, que se centrou na análise de dois episódios com conteúdos morais explícitos da série já referida. A escolha destes dois episódios foi feita após leitura e análise das sinopses de um conjunto de 73 episódios. Neste conjunto, estes dois episódios (episódio # 4 e episódio # 18) eram os que mais remetiam para conteúdos morais susceptíveis de uma análise em função dos estádios de raciocínio moral de Kohlberg.

1. REFERÊNCIAS HISTÓRICAS E A QUESTÃO DAS RELAÇÕES ENTRE ÉTICA E TELEVISÃO

A primeira emissão regular de TV em Portugal teve lugar em 1957. Em 1968, foi inaugurado um segundo canal, o que ampliou consideravelmente o tempo de programação, possibilitando também uma maior diversificação.

A programação infantil surgiu logo com o aparecimento da televisão, mas só depois do 25 de Abril de 1974 é que se constituiu um departamento autónomo, *Departamento de Programas Infantis e Juvenis da RTP*, que tinha como população-alvo, públicos de faixas etárias específicas (Ponte, 1998). Num estudo feito por esta autora, é mencionado que a programação destinada a estas faixas etárias era sobretudo constituída por produções estrangeiras, a maioria de origem norte-americana.

Após o 25 de Abril de 1974, houve profundas alterações na programação televisiva. Por exemplo, com a entrada em funcionamento das televisões dos países africanos de língua oficial portu-

guesa, *PALOP*, tornou-se pertinente a produção própria para circulação nesse novo mercado. Esta produção nacional apareceu sob várias formas. Estas formas iam da ficção, magazines feitos por jovens estudantes e modalidades de *talk show*, até à produção de séries educativas, como a *Rua Sésamo*, por exemplo. Nas modalidades de *talk show*, cabe destacar o *Isso Julgas Tu*, um *talk show* que pretendia discutir, sob a forma de um tribunal de opinião, temas do quotidiano juvenil, como, por exemplo, *o caso do jovem racista* ou *o caso do aluno que queria copiar*.

O aparecimento de canais privados é relativamente recente. A *SIC*, primeiro canal televisivo português privado, iniciou as suas emissões a 6 de Outubro de 1992. Seguiu-se a *TVI*, que iniciou as suas emissões no ano seguinte. Com o aparecimento destes dois canais privados, a programação tornou-se ainda mais diversificada. Hoje é possível assistir a um número cada vez maior de produções nacionais.

É conhecido o facto de, cada vez mais, as crianças e os jovens passarem grande parte do seu tempo livre em frente do televisor. Mas foi apenas em 1992 que foi realizado, em Portugal, um estudo financiado pelo Instituto de Inovação Educativa do Ministério da Educação incidindo sobre esse aspecto. Ficámos então a saber «que é entre os 7 e os 11 anos que a exposição à televisão atinge o seu clímax, decrescendo depois lentamente até à idade adulta» (Monteiro, 1999, p. 159), dados que são muito semelhantes aos encontrados no resto da Europa. Nesse estudo, foi realizada ainda uma análise da preferência das crianças e jovens pela televisão, em comparação com outras actividades, como a leitura, ouvir rádio, estar com os amigos e familiares, fazer desporto ou ler revistas, por exemplo. Foi possível constatar que nos grupos etários estudados a televisão estava sempre a seguir à família, sendo esta última suplantada, contudo, pelos amigos, o que era mais significativo no grupo dos jovens com mais idade.

A exposição elevada à televisão por parte das crianças e dos jovens, bem como a oferta cada vez maior de programas televisivos, têm levado ao que é vulgarmente chamado de *guerra de audiências*. Mais do que nunca, as crianças e os jovens têm agora um leque quase indeterminável de escolhas, razão pela qual alguns autores referem que, bem longe de ser um processo ex-

clusivamente passivo, a actividade de ver televisão tem de ser considerada cada vez mais um processo activo, o que, por sua vez, tem implicações de ordem diversa. Stipp (1993), por exemplo, argumenta que se deve diminuir o fosso que, em geral, existe entre as questões colocadas pelos académicos e as colocadas pelos profissionais ligados à televisão. Enquanto os primeiros tendem a questionar-se sobre o efeito da televisão nas crianças, ou sobre o modo como a sua influência positiva ou negativa podia ser aumentada ou diminuída, respectivamente, os segundos estão sobretudo interessados em saber que tipo de programas é que as crianças querem ver. Que importa ter uma programação televisiva de conteúdo informativo e educacional, se a criança ou o jovem não mostram interesse por ela e mudam facilmente de canal?

Com a oferta de uma diversidade de programação cada vez maior, as investigações sobre a televisão, conduzidas tradicionalmente como estudos de audiências, passaram a ter outro tipo de preocupação, algo que está bem documentado nas palavras que se seguem: «em instituições exteriores às empresas produtoras, normalmente departamentos do ensino superior dedicados à comunicação social ou à educação, realizam-se também trabalhos, geralmente análises de conteúdo, que são úteis para alertar as empresas produtoras para a transmissão não deliberada ou não consciente de conteúdos e modelos eventualmente perniciosos como os estereótipos sexuais ou étnicos» (Abrantes, 1995, pp. 72-73).

Porque pretende examinar os valores, níveis e estádios de desenvolvimento moral veiculados por uma das séries de produção nacional com maior audiência (i.e., *Super Pai*), o nosso trabalho insere-se na confluência destes dois tipos de estudo: os de audiência, por um lado, e os de análise de conteúdo, mais especificamente de conteúdos sócio-morais, por outro. O apelo à teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg parece-nos aqui importante. Importante, no sentido da ideologia não afastar a perspectiva científica, e do senso comum não se sobrepor à crítica esclarecedora. Por exemplo, é prática corrente ouvir dizer-se que a televisão deve educar para os valores, como se tal afirmação falasse por si mesma, e como se não houvesse já conhecimentos bastante sólidos no âmbito da psicologia do desenvolvimento sócio-moral, mostrando

que há certos valores, como o da honra e responsabilidade, por exemplo, que são dignos de ser perseguidos, e que há outros, como o da obediência inquestionável e o respeito unilateral a figuras de autoridade, por hipótese, que merecem ser mais contestados do que perseguidos (Lourenço, 2002b).

Ninguém duvida que a televisão assume um papel de grande relevo na socialização e no desenvolvimento da criança e do jovem. Para tanto, basta pensar na trilogia de funções que, em geral, lhe são atribuídas: entreter, informar e formar (ver ponto 1 do art. 8.º da Lei de Televisão, Lei n.º 31-A/98 de 14 de Julho). Assim sendo, é pertinente encarar os profissionais de comunicação como representantes de uma actividade que implica um tipo específico de responsabilidade e de ética. Se não lhes cabe a função de educadores dos povos, cabe-lhes, contudo, um papel determinante na evolução da cultura de uma sociedade (ver Moraes Soares, 2001). Mas este papel deve ser partilhado com profissionais de outras áreas, nomeadamente educadores, psicólogos e sociólogos.

São muitas as vozes que se têm levantado contra a falta de ética em televisão.

Por exemplo, num número recente do *Diário de Notícias* (12 de Maio de 2001) vinha a seguinte notícia: «Estreado há 15 dias no canal francês M6, para deleite das audiências e horror da classe bem pensante, o *reality show*, *Loft Story*, versão local do concurso *Big Brother*, foi ameaçado de uma acção terrorista por uma organização cívica que quer invadir, hoje, a casa onde se encontram os concorrentes, como protesto contra o que considera um exemplo de televisão degradante (...)».

Denúncias deste género, contudo, devem ser olhadas cautelosamente. É de todos sabido que muitas preocupações moralistas são as primeiras a querer passar por preocupações genuinamente morais, distinção que é mais fácil de notar quando se adopta uma perspectiva mais científica que ideológica sobre o desenvolvimento moral.

Acima de tudo, não se pode ver uma oposição inevitável entre entretenimento e cultura, como se o entretenimento fosse por natureza acultural e desprovido de significado cognitivo, e a cultura pudesse prescindir do envolvimento afectivo e emocional. Bastaria pensar no programa *Rua Sésamo* para vermos quanto esta dicotomia pode

não fazer sentido, como é realçado, aliás, pelas seguintes palavras da sua directora pedagógica (Brederode Santos): «a *Rua Sésamo* provou que valia a pena integrar a investigação pedagógica na produção e, sobretudo, destruiu o mito da incompatibilidade entre entretenimento e educação» (Abrantes, 1995, p. 70).

A breve revisão de estudos que apresentamos a seguir abona também em favor da ideia de que, enquanto meio de comunicação, a televisão tem um enorme potencial no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, social e moral das crianças e adolescentes.

2. TELEVISÃO E DESENVOLVIMENTO

São muitos os estudos que permitem concluir que a televisão pode promover o desenvolvimento cognitivo das crianças e dos adolescentes. Isto tornou-se mais claro quando, a partir de meados dos anos 70, os estudos realizados sobre os efeitos da televisão ajudaram a compreender que a criança é um telespectador activo, na medida em que constrói o próprio sentido daquilo que vê e ouve (ver Hawkins & Pingree, 1986).

Outro aspecto importante é que o discurso verbal televisivo tem como principal característica a sua ligação à imagem, construindo com ela um todo significativo, como é visível, por exemplo, no caso do comentário inserido em documentários. A palavra dita adquire então uma ligação à prática e promove no telespectador uma aquisição de saberes próxima das aprendizagens informais (Seixas, 1997). Os próprios movimentos de câmara, como o *zoom*, por exemplo, podem ter efeitos sobre as operações cognitivas, na medida em que chamam a atenção para certos detalhes e ensinam, digamos assim, a observar.

O programa *Rua Sésamo*, por exemplo, é um dos mais citados quando se trata de exemplificar os possíveis benefícios da televisão no desenvolvimento cognitivo da criança (Brederode Santos, 1997; Liebert, Sprafkin, & Davidson, 1988), em especial das crianças oriundas de famílias pobres, crianças que assim puderam usufruir de experiências pré-escolares em casa, compensando, em parte, as desvantagens de não frequentarem o ensino pré-escolar. Estudos realizados com crianças pré-escolares revelaram que as crianças expostas ao referido programa apresen-

tavam melhorias em várias competências importantes para o rendimento escolar, como o reconhecimento de letras e de números, por exemplo, bem como em outro tipo de competências (ver Liebert et al., 1988).

«Se perguntarmos a adolescentes o que aprendem quando vêem a série *Beverly Hills*, dizem-nos, quando muito, que aprendem inglês. Mas é óbvio para qualquer observador que eles aprendem também a relacionar-se com o sexo oposto ou como comportar-se numa entrevista para pedir emprego, por exemplo. E aprendem ainda atitudes e valores, algo a se chama, por vezes, socialização, mas que também se pode chamar de aprendizagem social e moral» (Brederode Santos, 1997, p. 78).

Quando se fala de televisão e desenvolvimento social é quase inevitável falar-se da influência que ela exerce ao nível dos comportamentos agressivos (Bandura & Walters, 1963). Na opinião de alguns investigadores (e.g., Monteiro 1999; ver também Coie & Dodge, 1998; Parke & Slaby, 1983), a maioria das revisões sobre os efeitos da exposição à violência na televisão aponta para três tipos de efeito, explorados, em geral, através de linhas diversas de investigação.

A primeira anda em torno dos *efeitos directos em termos de comportamento*. A ideia geral é que, vendo muita violência na televisão, as pessoas desenvolvem atitudes favoráveis à agressão como meio de resolverem conflitos (Eron, Huesmann, Brice, Fischer, & Mermelestein, 1983). De outro modo, estes estudos confirmam que a elevada exposição à violência televisiva desencadeia ou facilita o comportamento interpessoal agressivo.

A segunda anda à volta dos efeitos de *dessensibilização*. A ideia geral é agora de que, assistindo a muita violência na televisão, as pessoas reduzem a sua sensibilidade à violência, dor e sofrimento, tornando-se, por conseguinte, mais tolerantes à violência social, que se banaliza, por assim dizer (ver Eron, 1987).

A última refere-se aos efeitos associados à *percepção paranóide do mundo*, também designada por *síndrome do mundo mau* (Signorielli, 1990, citado em Monteiro, 1999). O argumento é que as crianças e os adultos que são espectadores assíduos da televisão podem alterar a percepção que têm da realidade social, assimilando-a ao

mundo violento do seu ecrã ficcional (ver Monteiro, 1999). Esta última área de pesquisa é a que tem registado menos investigação e também aquela onde têm surgido resultados mais contraditórios.

Embora a maioria dos autores fale dos efeitos negativos da violência na televisão, há também quem defenda que essa violência pode ter um efeito positivo, um efeito de catarse, se assim podemos dizer (ver Cordeiro, 1999).

Mas se a televisão modela, por vezes, a violência e o ódio, outras vezes, ela modela o bem, o verdadeiro e a pluralidade de pontos de vista. Através da televisão, as crianças e os adolescentes aprendem também a identificar e a expressar emoções e desenvolvem diversas competências sócio-cognitivas, como a empatia e o comportamento pró-social, por exemplo (Eisenberg & Fabes, 1998; Lourenço, 1988).

Em meados e finais dos anos 70, os investigadores começaram a mudar o seu foco de atenção, centrando-se agora mais nos efeitos pró-sociais da televisão. O potencial pró-social da televisão passou, então, a ser explorado. Muitas vezes isso foi feito (e.g., Liebert et al., 1988) tomando-se por referência as sete categorias de comportamento valorizadas socialmente, categorias que tinham sido identificadas em estudos dos anos 70 (i.e., altruísmo, controlo de impulsos agressivos, adiamento da gratificação, explicação ou clarificação de sentimentos do próprio ou dos outros, correcção de comportamento errado, resistência à tentação e simpatia. As conclusões de algumas dessas investigações sugerem que as crianças expostas a programas que apresentam temas de carácter pró-social (e.g., cooperação, amizade, ajuda, compreensão e verbalização dos sentimentos, persistência na realização de tarefas, partilha e tolerância à frustração, etc.) apresentam, depois, um aumento significativo em termos de comportamento pró-social (ver Eisenberg & Fabes, 1998).

Estes resultados, contudo, não podem ser generalizados. Liebert e os seus colaboradores (1988), por exemplo, referem uma experiência que mostra que, exposto a episódios do programa *Sesame Street* contendo conflitos resolvidos de modo pró-social, um grupo de crianças de 3 anos era menos cooperativo numa tarefa subsequente. Isto parece sugerir que, mesmo com as melhores intenções, os efeitos pró-sociais da te-

levisão podem ser indeterminados e, portanto, que se deve ser cauteloso quando se tenta, por seu intermédio, ensinar crianças a lidar com determinados conflitos. De outro modo, só por si, a televisão raramente é um instrumento suficiente para induzir comportamentos pró-sociais nos telespectadores. É também neste sentido que Johnston e Ettema (1986) salientam que os efeitos pró-sociais, em resultado da exposição a programas e modelos pró-sociais, podem duplicar quando esta exposição é seguida de uma discussão moderada por um adulto, alguém que, digamos assim, pode colmatar os eventuais défices do programa, nomeadamente quando se está em contexto escolar.

Quando pensamos em desenvolvimento moral, logo pensamos na teoria cognitivo-desenvolvimentista de Kohlberg (1981, 1984), autor que tende a salientar a componente cognitiva da moralidade e a mostrar que a pessoa é o responsável último pelo seu próprio desenvolvimento sócio-moral (ver Lourenço, 2002a).

Como é sabido, Kohlberg identificou três níveis de desenvolvimento moral, cada um deles subdividido ainda em dois estádios (ver Quadro 1). A passagem do estádio anterior ao estádio seguinte representa sempre uma estrutura mais equilibrada de raciocínio moral, o que, por sua vez, significa maior diferenciação e coordenação dos pontos de vista em confronto (Lourenço, 2000; Rique & Camino, 1997; Walker, Gustafson, & Henning, 2001).

Existe alguma correspondência entre a idade e o nível de desenvolvimento moral: o nível pré-convencional, o nível de alguém que se coloca *fora* das normas e convenções sociais, é característico da maioria das crianças com menos de nove anos e de alguns adolescentes ou adultos; o nível convencional, o nível de alguém que se coloca *dentro* das normas e expectativas sociais, é o que caracteriza a maioria dos adolescentes e adultos das sociedades ocidentais; e o nível pós-convencional, o nível de alguém que coloca os *princípios morais*, como o da justiça, por exemplo, acima das normas morais, como a norma de não mentir, por hipótese, tende a ser alcançado apenas por uma minoria de adultos, em geral a partir dos 25-30 anos.

Se em termos da influência da televisão no desenvolvimento social (i.e., antisocial e pró-social) a revisão da literatura aponta para inúmeros

QUADRO 1
Níveis e estádios de raciocínio moral segundo Kohlberg

Nível	Estádio	Orientação Moral	Perspectiva Sócio-Moral
(I) Pré-convencional	1	Orientação para o castigo e para a obediência.	Não distingue nem coordena perspectivas. Só há uma correcta, a da autoridade.
	2	Orientação calculista e instrumental; pura troca, hadonismo e pragmatismo.	Distingue perspectivas, coordena-as e hierarquiza-as do ponto de vista de uma segunda pessoa com interesses concretos e individualistas.
(II) Convencional	3	Orientação para o <i>bom menino</i> e para uma moralidade de aprovação interpessoal.	Distingue perspectivas, coordena-as e hierarquiza-as do ponto de vista de uma terceira pessoa afectiva e relacional.
	4	Orientação para a manutenção da lei, da ordem e do progresso social.	Distingue perspectivas, coordena-as e hierarquiza-as do ponto de vista de uma terceira pessoa imparcial, institucional e legal.
(III) Pós-Convencional	5	Orientação para o contrato social, para o relativismo da lei e para o maior bem do maior número.	Distingue perspectivas, coordena-as e começa a hierarquizá-las do ponto de vista de uma terceira pessoa moral, racional e universal.
	6*	Orientação para os princípios éticos universais, reversíveis, prescritivos.	Distingue perspectivas, coordena-as de um ponto de vista ideal e hierarquiza-as segundo uma perspectiva moral, racional e universal.

* No último *Manual de Avaliação do Raciocínio Moral* (Colby & Kohlberg, 1987), o estágio 6 desaparece como estágio empírico, embora Kohlberg o tenha mantido como ideal moral (ver Lourenço, 2002a).

estudos e investigações, a área do desenvolvimento moral tem sido bastante menos estudada. O que é relativamente surpreendente. Nunca como hoje se falou tanto de valores, e os valores morais ocupam um lugar central no contexto dos valores (Nash, 1997). Mas essa relativa escassez de estudos sobre televisão e desenvolvimento moral pode ter a ver com o facto do domínio moral ser muitas vezes tomado como sinónimo do pró-social.

Alguns desses estudos têm sido realizados em contexto brasileiro (e.g., Camino, Batista, Reis, et al., 1994). Os seus resultados mostram que é possível analisar programas televisivos de grande audiência, como as telenovelas, por exemplo, recorrendo a categorias provenientes da teoria do desenvolvimento moral de Piaget (1932) e de Kohlberg (1984). A análise da telenovela *Dona*

Beija, por exemplo, mostrou que, em termos de valores morais, a moralidade veiculada era sobretudo de tipo heterónomo, um tipo de moralidade onde dominam os interesses individualistas e concretos (moralidade pré-convencional), em detrimento dos interesses gerais (moralidade convencional) e, mais ainda, dos princípios morais que advogam um tratamento justo e igualitário de todas as pessoas (moralidade pós-convencional). De igual modo, a análise da telenovela *Vale Tudo* evidenciou também que a sua moralidade, se assim podemos dizer, era uma moralidade de estágio 2 (Camino, Luna, & Cavalcanti, 1990).

Acreditamos que estudos deste género são desejáveis em Portugal. Por um lado, tais estudos permitem equacionar com algum rigor o maior ou menor nível de desenvolvimento sócio-moral

subjacente a programas que, queiramos ou não, veiculam certo tipo de valores. Por outro, parece que este tipo de programas têm um «grande potencial para manter os valores da população ou para promovê-los para níveis mais amadurecidos» (Biaggio, 1998, p. 54). Como já referimos, é nesta linha de pesquisa que se insere o presente trabalho. Como também já dissemos, ele teve como objectivo principal analisar alguns episódios (com conteúdos morais explícitos) do programa *Super Pai* em função da teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg. Em particular, estivemos sobretudo interessados em saber para que nível e estágio de desenvolvimento moral é que esses episódios apelam. Convém frisar que este estudo é apenas um estudo exploratório. A este respeito, seria também importante analisar segundo este ponto de vista o programa *Isso Julgas Tu*, da autoria da jornalista Diana Andringa, um programa que já não se encontra em exibição. O seu formato, em especial o facto de os jovens terem de defender posições com que não se identificavam, logo faz pensar que ele deve ter sido de alguma eficácia em termos de desenvolvimento sócio-moral. É que ao defender um ponto de vista com que não se identifica, a pessoa vivencia uma oportunidade de descentração social e de ver o mundo vestindo a pele dos outros, algo que é um factor importante de desenvolvimento, cognitivo, social, ou moral.

3. METODOLOGIA

3.1. Amostra

No conjunto das produções televisivas Portuguesas, escolhemos a série *Super Pai*, exibida actualmente em horário nobre pela TVI, por se tratar de um programa de grande audiência e por ser particularmente dirigido às crianças e adolescentes.

Segundo fontes desse canal televisivo, a série poderá resumir-se do seguinte modo: *O Super Pai... é Vasco! Vasco Figueiredo é um homem na casa dos quarenta... Viúvo, vive com as três filhas que são as meninas dos seus olhos mas também a sua maior preocupação! Vasco é um homem de negócios, um empresário bem sucedido.*

Um pai e três filhas! A empregada! E... Nina, a cadela da família! Eis os cinco ingredientes que adoçam esta comédia familiar... Pelo meio... uma mulher apaixonada, uma cunhada pouco simpática e uma empresa para gerir!...

Após a leitura e análise das sinopses de 73 dos episódios, foram escolhidos dois episódios, por apresentarem conteúdo moral explícito e passível de ser examinado e interpretado segundo a teoria de estádios morais de Kohlberg. Os episódios seleccionados foram os episódio # 4 e o episódio # 18. Eis as suas sinopses, segundo as fontes do canal televisivo em jogo.

Episódio # 4: Traições e Mentiras:

Dulce descobre um segredo de Isabel: as suas referências são falsas. Conta a Vasco, que fica preocupado com a situação... Mais tarde, Vasco conversa com a sua empregada que decide ir-se embora.

Na manhã seguinte, as três irmãs ficam muito tristes com o desaparecimento de Isabel. Carmo e Clarinha decidem ajudar e conseguem uma verdadeira carta de recomendação. Isabel volta para casa e todos ficam felizes – excepto a Tia Dulce!

Camila combina com Carlos uma ida à piscina e leva a sua amiga Rita, que se mostra muito interessada em Carlos. Camila não se apercebe da situação. Dias mais tarde, vê a suposta amiga a beijar Carlos na piscina e fica muito desapontada.

Episódio # 18 (sem título):

Vasco leva uma vida dupla para esconder das suas filhas a sua relação com Cristina. Entre jantares e outras saídas... começa a sentir-se muito cansado!

As filhas, julgando que a origem desse cansaço é o trabalho, resolvem ajudá-lo, mas acabam por criar ainda mais confusão... Carmo chega mesmo a assinar pelo pai uma falta disciplinar!

Entretanto, a pedido de Joca, Vasco tenta falar-lhes de Cristina, mas acaba por mentir mais uma vez!

3.2. Procedimento

- Recolha e análise das sinopses.
- Pré-selecção dos episódios com referências a temas e/ou dilemas morais.

- Selecção de dois episódios entre os episódios escolhidos na fase anterior.
- Primeira leitura dos guiões.
- Análise das cenas, com acordo entre juizes (em número de 2), em termos da existência de situações com verbalizações de conteúdo moral expressas por cada personagem.
- Classificação dos temas morais identificados em termos de nível e estágio de desenvolvimento moral segundo Kohlberg, com acordo entre três juizes, um dos quais especialista neste domínio de investigação (ver Quadro 1).

4. RESULTADOS

Os Quadros 2 e 3 apresentam os resultados da análise efectuada. O Quadro 2 diz respeito ao episódio # 4 e o Quadro 3 ao episódio # 18. Na primeira coluna, aparecem as situações que apelam para conteúdos morais. Na segunda coluna, especificam-se as cenas onde tal ocorreu. A terceira coluna contém o nome dos personagens envolvidos. Na quarta, aparece o nível e o estágio de raciocínio moral das verbalizações analisadas. Na quinta coluna, aparece a orientação moral expressa em tais verbalizações. E na última coluna, aparecem exemplos das verbalizações propriamente ditas.

A análise dos Quadros 2 e 3 aponta para os seguintes aspectos. Primeiro, não há estádios de moralidade pós-convencional. Segundo, os estádios mais prevalentes são o estágio 3, orientação para a moralidade do afecto, da aprovação social e dos estereótipos sociais, e o estágio 2, orientação para uma moralidade pragmática, hedonista e individualista. No seu conjunto, estes estádios representam 82.61% de todos os estádios em questão. Os estádios 1, 2/3 e 4 estão minimamente representados. Testes do significado da existência de uma proporção ($P = 0.2$; $Q = 0.8$; $N = 24$) mostram, de facto, que o estágio 3 foi o único que ocorreu de modo significativamente elevado, $z = +4.82$, $p < 0.01$, e que a ocorrência dos estádios 1, 2/3 e 4 foi sempre significativamente baixa. Terceiro, no seu todo, as verbalizações morais no episódio # 18 foram mais avançadas que as verbalizações no episódio # 4. Testes binomiais comparando a ocorrência de estádios pré-convencionais versus convencionais

no episódio # 4 (6 versus 4) e no episódio # 18 (1 versus 12) mostram que os estádios convencionais foram significativamente elevados no episódio # 18 ($p < 0.01$), mas não no episódio # 4.

5. DISCUSSÃO

O objectivo central deste estudo foi o de analisar uma série televisiva de grande audiência, em função da teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg. De modo mais específico, analisar que níveis e estádios de raciocínio moral segundo Kohlberg estão subjacentes aos episódios dessa série que apelam de modo explícito para conteúdos morais.

Os resultados que obtivemos sugerem, em primeiro lugar, que é possível analisar este tipo de séries televisivas recorrendo a categorias baseadas na teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg (1984). Dado que nunca como hoje parece tão premente a discussão sócio-moral da programação televisiva, tal facto sugere que essa discussão só teria a ganhar se tivesse em conta alguns dados da psicologia, em especial da psicologia de desenvolvimento moral (Lourenço, 2002a). Quanto sabemos, isto não tende a ocorrer no nosso país.

A análise que efectuámos mostra que as verbalizações com conteúdo moral foram essencialmente verbalizações de nível convencional, mais propriamente de estágio 3. Isto é, verbalizações orientadas para uma moralidade de aprovação interpessoal, uma moralidade dominada pela ideia de se agradar aos outros e de se agir de acordo com os estereótipos sociais: ser-se bom pai, boa filha, boa mãe, bom profissional, estar atento à dor e ao sofrimento dos outros, animais inclusive; ser-se, enfim, uma pessoa decente e civilizada. De referir que, a nível individual (e nas sociedades ocidentais), a moralidade de estágio 3 tende a ser uma moralidade dominante na adolescência (Colby & Kohlberg, 1987), ao passo que a moralidade de estágio 4, a moralidade do respeito pela ordem, tende a ser a moralidade dominante na vida adulta. A moralidade de estágio 4, contudo, mal aparece nos episódios que analisámos. E não obtivemos nenhum indício nesses episódios de moralidade pós-convencional, uma moralidade que coloca os princí-

QUADRO 2
Episódio # 4: Traições e Mentiras

Situações com conteúdo moral	Cenas	Personagem	Nível e (Estádio)	Orientação Moral	Exemplos de verbalizações
Clarinha recortou uma página de uma revista de Camila, sem o conhecimento desta.	3	Clarinha	II (3)	Orientação moral para a <i>boa menina</i>	<i>Quando a minha horta estiver pronta, vai ser ótimo para todos.</i> (4/3)
Isabel falsificou as suas referências profissionais		Isabel	II (?)		<i>Sim, eu gosto de tudo muito certinho e direitinho.</i> (4/4)
	4		I (2)	Orientação individualista.	<i>Estava tão aflita, sem emprego, sem poiso certo, que... nem pensei no que estava a fazer, peço perdão.</i> (4/28)
	19				
	22	Rosa	I (2)	Orientação individualista.	<i>Falsificaste as referências. E qual é o problema? Toda a gente faz isso, filha</i> (4/4)
	23				
	25	Vasco	II (3)	Aprovação social	<i>Mesmo as pessoas honestas fazem coisas de que depois se arrependem, Camila</i> (4/31)
	28				
	31	Joca	II (2/3)*	Bom menino e orientação concreta	<i>(...) uma pessoa honesta pode fazer coisas dessas se estiver desesperada...</i> (4/23)
	38	Dulce	I (1)	Clichés sociais	<i>Vais deixar que essa... essa... falsificadora entre cá em casa outra vez?</i> (4/38)
Mafalda convence Vasco a inventar uma desculpa para chegar		Mafalda	I (2)	Orientação individualista	<i>Diz-lhes que tiveste um problema com o carro e que te atrasaste!</i> (4/5)
	2	Vasco	II (3)	Estereótipos sociais (o do bom pai)	<i>Sou um miserável! Como é que lhes pude mentir dessa maneira? (...) Querida tem dó de mim que sou um pai de família!</i> (4/7)
	5				
	7		I (2)	Preocupações hedonistas.	<i>Sou um miserável, sim. Mas de mas de carne e osso!</i> (4/7)
Rui faz-se passar por filho do Vasco.	17	Rui	I (2)	Orientação individualista.	<i>Não... o papá não está, mas... pode fazer a prova comigo.</i> (4/17)
	21				
Vasco não respeita contratos de exclusividade com as suas clientes.	18		? (?)		
	11, 12				
Camila é traída pela sua melhor amiga.	20, 26		? (?)		
	36, 39.				

Nota: ?, significa que não existiam dados suficientes para se atribuir um nível e um estágio de raciocínio moral.

* Trata-se de um estágio intermédio entre o estágio 3 (aprovação social) e o estágio 2 (interesses individuais).

QUADRO 3
Episódio # 18

Situações com conteúdo moral	Cenas	Personagem	Nível e (Estádio)	Orientação Moral	Exemplos de verbalizações
Vasco mantém vida dupla, porque não tem coragem para falar com as filhas sobre Cristina.	1, 2, 19, 20, 23, 31, 54	Cristina	II (3)	Orientação para o bom pai	... descurar os teus deveres de pai por causa da nossa relação, não é? Percebo-te perfeitamente Vasco (18/20)
Filhas de Vasco impedem-no de ir trabalhar (travam-lhe o despertador; mentem a Isabel sobre o pequeno almoço e mentem a Luísa)	9, 11	Vasco	II (3)	Orientação para o bom pai	Eu sei que foi por bem, mas não voltam a fazer, não? (18/18)
	13, 14	Carmo	II (3)	Orientação para o afecto	Ó pai, mas nós fizemos isso para teu bem, a sério! Não podemos ver-te assim, cansado, doente e... (18/18)
	15, 16	Camila	II (3)	Orientação para o afecto	Andas feito num oito, a trabalhar até às tantas todos os dias e agora nos feriados, pai? Não dá, qualquer dia... (18/18)
	17, 18	Clarinha	II (3)	Orientação para o afecto	E porque não queremos que fiques doente... (18/18)
Camila tira dinheiro da carteira do pai sem o conhecimento	39, 42, 43, 46, 48, 51	Camila	II (3)	Orientação para a aprovação social	Calma, Isabel, não te enerves. Eu resolvo isso. E nem vale a pena acordar o pai. Espera que eu já venho. (18/42)
Carmo solta uma pomba que ia ser vivissecada na aula de C. da Natureza	45	Carmo	II (3)	Orientação humanista (estereotipada)	... respondi-lhe que fazia aquilo outra vez se fosse preciso e que a vivissecção era uma coisa horrorosa e selvagem (18/47)
	47				
	52	Isabel	II (3)	Orientação para os bons motivos	E a sua filha é muito amiga dos bichinhos... e vai daí abriu a gaiola à pobre da bichinha e foi por isso que o sacana, perdão, o safardola do professor lhe deu a falta. O patrão acha isto justo? (18/52)
	53				
		Vasco	II (3)	Orientação humanista (estereotipada)	O programa não me interessa... sobretudo se impuser este tipo de atrocidades que, pelo menos durante estes anos escolares, já foram banidas em qualquer país civilizado (18/53)
Carmo falsifica assinatura do pai numa justificação de falta disciplinar.	39	Carla	I (1)	Orientação para o castigo	Tás parva? O teu pai mata-te quando souber. (18/47)
	47	Carmo	II (3)	Orientação para o afecto	... nós vamos ter de fazer alguma coisa para o ajudar (18/47)
	50	Vasco	II (4)	Orientação para os direitos e deveres	É um crime! Um crime punido pela lei, minha menina, tens noção disso? (18/51)
	51				
	52	Isabel	II (3)	Orientação para os bons motivos	... as suas três meninas andam tão raladas com a vida que o paizinho anda a levar que fizeram uma jura de não lhe dar mais problemas nem arrelias. Foi por isso. (18/52)

TABELA 1
Frequência e percentagem de uso de cada um dos diferentes estádios

Estádio 1	Estádio 2	Estádio 2/3	Estádio 3	Estádio 4
2 (8.70)	5 (21.74)	1 (4.35)	14 (60.87)	1 (4.35)

Nota: Os números entre parêntesis referem-se a percentagens.

pios éticos, como o da justiça, por exemplo, acima do respeito pela ordem e pela lei, mesmo que democráticas. De referir, contudo, que este tipo de moralidade é rara por toda a parte e que manifestações suas a nível individual só tendem a aparecer para lá dos 25-30 anos. Ao invés, a moralidade de estágio 2, uma moralidade voltada fundamentalmente para o pragmatismo, calculismo e hedonismo é claramente visível nos episódios que analisámos. Um resultado semelhante ao do nosso estudo, predominância do estágio 3 seguida do estágio 2, tem sido encontrado em trabalhos similares efectuados no Brasil sobre telenovelas de grande audiência, como *Dona Beija*, por exemplo (Camino et al., 1994).

Mas se pensarmos que a série *Super Pai* se dirige, fundamentalmente, a crianças e adolescentes, então os estádios de moralidade por ela veiculados nos seus episódios com conteúdo moral explícito não andam longe dos estádios em que essas faixas etárias tendem a encontrar-se, as crianças na moralidade pré-convencional e os adolescentes na moralidade convencional, no estágio 3 em particular. Mas se assumirmos que a televisão não deve veicular apenas os valores das suas audiências e que deve contribuir para a sua transformação, teria sido interessante termos constatado, pelo menos, mais manifestações de moralidade de estágio 4 e algumas mesmo de estágio 5 (moralidade pós-convencional). Além de mais, porque esse programa é visto também por pessoas que já não são crianças, nem adolescentes.

Em termos de conteúdo, de uma forma geral, as mensagens e os valores morais transmitidos pelos personagens nesses dois episódios prendem-se com a importância da família e da sua unidade (e.g., carinho pelo pai), o valor da

amizade ou ainda o respeito pelos animais. Apesar de não ter sido feita qualquer análise da correspondência entre o nível de desenvolvimento moral veiculado pelos personagens e o grau de simpatia que eles suscitam no público, foi possível perceber que os personagens que evidenciaram um nível de raciocínio moral mais elementar são também os menos simpáticos, como são os casos da tia Dulce e do Rui. Estudos analisando este tipo de correspondência seriam certamente bem vindos e interessantes, à semelhança, aliás, do que já foi feito em outras investigações (Camino et al., 1994). E seria ainda interessante, por exemplo, analisar a maior ou menor consistência entre as verbalizações morais dos personagens, quer dizer, as suas intenções ou o que eles dizem que deve fazer-se, e o que fazem, depois, em termos de acção e de comportamento. De referir que o problema da consistência entre a cognição moral e a acção moral é dos mais estudados e controvertidos no seio da psicologia do desenvolvimento moral (Kohlberg & Candee, 1984; Lourenço, 2000). A esta luz, seria igualmente interessante, e analisando um maior número de episódios, averiguar a maior ou menor consistência dos personagens principais ao longo dos episódios da série, quer em termos de nível, quer em termos de estágio de desenvolvimento moral.

Porque se trata de um trabalho exploratório, este estudo contém muitas limitações, razão pela qual os seus resultados devem ser olhados de modo cauteloso. Porque analisámos apenas dois episódios, torna-se problemático partir deles para a série na sua totalidade. E embora tenha sido feita com base num conhecimento relativamente profundo da obra de Kohlberg, em especial por parte do terceiro autor deste artigo, a

atribuição de estádios de raciocínio moral às verbalizações em causa pode não ter sido tão rigorosa quanto seria desejável. Para tanto chega dizer que a atribuição de um estágio de raciocínio moral a uma determinada verbalização exige, em geral, que o investigador obtenha clarificação e informação adicional da parte de quem a emitiu inicialmente, o que, no caso presente, não podia ser feito.

De qualquer forma, o nosso estudo sugere que, tomadas algumas cautelas, é possível analisar o conteúdo sócio-moral de certos programas televisivos em função de algum conhecimento científico já disponível no âmbito da psicologia de desenvolvimento sócio-moral. Algo que, assim o esperamos, pode ser do agrado dos responsáveis pela programação televisiva e benéfico para o desenvolvimento psicológico das audiências a que se destina. Como sugerido por Stipp (1993), olhar para a televisão de um ponto de vista comercial não impede que ela seja vista também em termos acadêmicos, científicos mais propriamente. É que se é um modo poderoso de representar o mundo, a televisão é também um modo poderoso de o transformar. Isto é tanto mais verdade se tivermos em conta o que as ciências do comportamento já nos ensinaram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes, J. C. (Ed.) (1995). *A imprensa, a Rádio e a Televisão na Escola*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Bandura, A., & Walters, R. (1963). *Social learning and personality development*. New York: Holt.
- Biaggio, A. (1998). Introdução à teoria do julgamento moral de Kohlberg. In M. L. Tiellet Nunes (org.), *Moral e TV*. Porto Alegre: Evangraf.
- Brederode Santos, M. (1997). *Aprender com a televisão*. Texto da conferência apresentada ao 1.º Encontro do Centro Doutor João dos Santos, Casa da Praia.
- Camino, C., Batista, L., Reis, R., et al. (1994). A transmissão de valores morais em personagens de TV. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7, 29-46.
- Camino, C., Luna, V., & Cavalcanti, M. (1990). Análise parcial do pensamento moral da novela Vale-Tudo. In *Anais do Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico: Anpepp* (pp. 95-102). São Paulo: Águas de São Pedro.
- Coie, J., & Dodge, K. (1998). Aggression and behavior: In W. Damon (Series Ed.), & N. Eisenberg (Ed.), *Handbook of child psychology. Social, emotional, and personality development* (Vol. 3, pp. 779-862). New York: Wiley.
- Colby, A., & Kohlberg, L. (1987). *The measurement of moral judgment. Vol. 1. Theoretical foundations and research validation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cordeiro, M. J. (1999). A criança, o jovem e a televisão: alguns subsídios para um debate necessário e urgente. In J. Gomes Pedro (Ed.), *Stress e violência na criança e no jovem* (pp. 175-182). Lisboa: Faculdade de Medicina.
- Eisenberg, N., & Fabes, R., (1998). Prosocial development. In W. Damon (Series Ed.), & N. Eisenberg (Ed.), *Handbook of child psychology. Social, emotional, and personality development* (Vol. 3, pp. 701-778). New York: Wiley.
- Eron, L. (1987). The development of aggressive behavior from the perspective of a developing behaviorism. *American Psychologist*, 42, 435-442.
- Eron, L., Huesmann, L., Brice, P., Fischer, P., & Mermelstein, R. (1983). Age trends in the development of aggression, sex typing, and related television habits. *Developmental Psychology*, 19, 71-77.
- Hawkins, R., & Pingree, S. (1986). Activity in the effects of television on children. In J. Bryant, & D. Zillman (Eds.), *Perspective on media effects* (pp. 233-250). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Johnston, J., & Ettema, J. (1986). Using television to best advantage: Research for prosocial television. In J. Bryant, & D. Zillman (Eds.), *Perspective on media effects* (pp. 143-164). Hillsdale, N J: Erlbaum.
- Kohlberg, L. (1981). *Essays on moral development. The philosophy of moral development*. New York: Harper & Row.
- Kohlberg, L. (1984). *Essays on moral development. Vol. 2. The psychology of moral development: Moral stages, their nature and validation*. New York: Harper & Row.
- Kohlberg, L., & Candee, D. (1984). The relationship of moral judgment to moral action. In W. Kurtines, & J. Gewirtz (Eds.), *Morality, moral behavior, and moral development* (pp. 52-73). New York: Wiley.
- Liebert, R., Sprafkin, J., & Davidson, E. (1988). *The early window: Effects of television on children and youth* (2nd ed.). Pergamon Press.
- Lourenço, O. (1988). *Altruísmo: generosidade ou inteligência sócio-cognitiva?* Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Lourenço, O. (2000). The aretaic domain and its relation to the deontic domain in moral reasoning. In M. Laupa (Ed.), *Rights and wrongs: How children and young adults evaluate the world* (pp. 47-61). San Francisco: Jossey Bass.

- Lourenço, O. (2002a). *Psicologia de desenvolvimento moral: Teoria, dados e implicações* (3.^a ed.). Coimbra: Almedina
- Lourenço, O. (2002b). *Desenvolvimento sócio-moral*. Lisboa: Universidade Aberta (no prelo).
- Monteiro, M. B. (1999). Meios de comunicação social (MCS) e construção da realidade social: Crescer com a violência televisiva. In J. Gomes Pedro (Ed.), *Stress e violência na criança e no jovem* (pp. 153-174). Lisboa: Faculdade de Medicina.
- Morais Soares, T. (2001). *A 're-regulamentação' do mercado televisivo face à vocação cultural de televisão: Documento Síntese da Conferência Internacional sobre Televisão*. Fundação Friedrich Ebert: U B I, Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. UBI.
- Nash, R. (1997). *Answering the "virtuecrats": A moral conversation on character education*. New York: Teachers College Press.
- Parke, R., & Slaby, R. (1983). The development of aggression. In P. Mussen (Series Ed.) & E. Hetherington (Ed.), *Handbook of child psychology. Socialization, personality, and social development* (Vol. 4, pp. 457-641). New York: Wiley.
- Piaget, J. (1932). *Le jugement moral chez l'enfant*. Paris: Alcan.
- Ponte, C. (1998). *Televisão para crianças: o direito à diferença*. Lisboa: Edições Escola Superior João de Deus.
- Rique, J., & Camino, C. (1997). Consistency and inconsistency in adolescents' moral reasoning. *International Journal of Behavioral Development*, 21, 813-836.
- Seixas, M. J. (1997). «Mesmo nos concursos a gente aprende coisas»: Televisão e Escola: Um conflito de universos e discursos. *Educação, Sociedade & Cultura*, 8, 21-43.
- Stipp, H. (1993). The challenge to improve television for children: a new perspective. In G. Berry, & J. Asamen (Ed.), *Children & television: Images in a changing sociocultural world* (pp. 296-302). Newbury Park: Sage.
- Unesco (1982). *Simpósio sobre a Educação e os Media*. Grünwald.
- Walker, L., Gustafson, P., & Hennig, K. (2001). The consolidation/transition model in moral reasoning development. *Developmental Psychology*, 37, 187-197.

RESUMO

Neste artigo, analisamos a série televisiva *Super Pai*, um programa com elevados níveis de audiência, em particular entre crianças e adolescentes, à luz da teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg. Mais especificamente, depois da leitura e análise das sinopses de um conjunto de 73 episódios, escolhemos dois

que tinham conteúdos morais mais explícitos (episódios # 4 e # 18) e atribuímos um nível e um estágio de raciocínio moral às verbalizações expressas por diversos personagens envolvidos em tais episódios. A análise efectuada mostrou que (1) a maioria das verbalizações com conteúdo moral aponta para o nível convencional, em particular para o estágio 3; (2) não aparecem verbalizações de moralidade pós-convencional (i.e., estágio 5); (3) as verbalizações de estágio 2 (nível pré-convencional) aparecem logo a seguir às de estágio 3; e (4) são mínimas as verbalizações de estágio 1 e de estágio 4. O estudo revela também que, tomadas algumas cautelas, é possível analisar determinados programas televisivos em função da teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg, o que pode ter implicações de relevo para os responsáveis pela programação televisão, em especial se existir interesse em aproveitar o conhecimento científico já disponível na área da psicologia do desenvolvimento moral. Neste artigo, fazemos também uma referência breve às relações entre ética e televisão, bem como a alguns estudos sobre o efeito de programas televisivos no desenvolvimento cognitivo, social e moral.

Palavras-chave: Televisão, desenvolvimento, valores, Kohlberg.

ABSTRACT

This study examines a Portuguese TV program in terms of Kohlberg's theory of moral development. The program, which is called *Super-Pai*, has a broad audience, in particular among children and adolescents. After the reading and analysis of the synopses of a set of 73 episodes, we chose those ones (i.e., episode # 4 and episode # 18) whose verbalizations expressed clear-cut moral contents, and classified these verbalizations into a certain level and stage of Kohlberg's moral reasoning. The results showed that (1) the majority of verbalizations are conventional, pointing namely to stage 3; (2) there are no postconventional (stage 5) verbalizations; (3) stage 2 verbalizations follow in terms of frequency those of stage 3; and (4) stage 1 and stage 4 verbalizations are practically nonexistent. The present study also reveals that if some caution is adopted it is possible to analyze certain TV programs in terms of Kohlberg's moral stages, which may have important implications for those responsible for TV programs and schedules, in particular if they were interested in taking into account the available scientific knowledge in the area of moral development. Throughout the paper we also refer to the controversial issue of the relationship between ethics and television, and to some studies on the role of TV in individuals' cognitive, social, and moral development.

Key words: Television, development, values, Kohlberg.